

RELATÓRIO

45º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2023

CRÍTICA: SIMONE CARLETO

DIA: 12/11/23

CATEGORIA: ADULTO

PEÇA: CANDELÁRIA

GRUPO: TRUPE INVESTIGATIVA ARROTO CÊNICO

CIDADE: NOVA IGUAÇU - RJ

Juventude no foco da cena: novas formas se anunciam

Por Simone Carleto¹

Estamos chegando do alto dos morros,
estamos chegando da lei da baixada,
das covas sem nome chegamos,
viemos clamar.

(A de Ó - Estamos Chegando - Milton Nascimento / Pedro Casaldáliga)

Assim como entendi necessário o pedido de licença para chegar ao debate pós-espetáculo *Candelária*, da Trupe Investigativa Arroto Cênico, peço licença, na condição de mulher branca, para escrever acerca da peça. Penso ser tempo de ouvir e reverberar o anúncio das novas formas trazidas por novas personagens na cena teatral contemporânea. Na noite de 12 de novembro de 2023, durante o 45º Feste, no Teatro Galpão de Pindamonhangaba, ecoou o texto dramaturgico escrito por Karla Muniz Ribeiro, representado por ela, Jonathan Silva, Marlon Souza e Simone Cerqueira, esta substituindo Madson Vilela, que assina a

¹ Crítica do 45º Feste. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, professora e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

direção do espetáculo, assistido por Marcos Covask, também responsável pela cenografia. A luz é de Bruno Caverninha. Ao abordar tematicamente a chacina da Candelária, ocorrida em 1993 e, portanto, há 30 anos, o grupo expõe os corpos dos mortos em face do estabelecimento de um chão histórico que situa o racismo estrutural e os genocídios das populações negras. Ao chegar ao espaço teatral, o público se depara com a cenografia e adereços compostos por tecidos de cobertores daqueles que são distribuídos por ações sociais e indivíduos em situação de rua, fazendo alusão a pessoas cobertas por esses adereços, além de ocupar também o fundo do palco com tal acabamento, mostrando também colagens de estopa colorida, como que a revelar a matéria que compõe esses itens. Esse esboroamento remete às memórias impedidas, aos nomes ocultados, ao apagamento que o tempo e as ações perversas de um sistema excludente insiste em executar. Processos múltiplos matam, exterminam e impedem o reconhecimento da população negra e indivíduos que a compõem nos mais variados espaços sociais, de poder e de influência nos rumos da sociedade. Felizmente esse quadro tem sido enfrentado por meio de ações de resistência por parte dos movimentos sociais, e que mais felizmente ainda vem transformando a cena brasileira. O fenômeno lembra o ocorrido em décadas anteriores, quando foram buscadas experiências e vivências relacionadas aos movimentos de base social e também as formas de organização populares e culturais nas quais se evidenciava a luta, a festa e a convivência. Assim esse e o momento, inclusive muito acertada a curadoria em estabelecer uma dramaturgia na programação do 45º Feste que enfoca trabalhos orientados na direção de reparações históricas, das necessárias revisitações cênicas tanto na forma de produção, como na relação com o público.

O trabalho de Karla como dramaturga chega à Trupe em decorrência de sua participação em um concurso de criação de cenas curtas para *podcast*, ou seja, para serem ouvidas em áudios veiculados em dispositivos diversos. O encontro demonstrou-se bastante profícuo, resultando em um espetáculo atoral, no qual saltam aos olhos as legitimidades de Karla, Jonathan, Marlon e Simone em cena. As duas atrizes "brincam de teatro" com os atores, um deles quase "congelado" em uma personagem que não teria papel definido na brincadeira teatral, enquanto o outro faz papel de "público" na plateia. Ambos são colocados pelas garotas que seguem representando parte dos debates que teriam ocorrido no chamado Primeiro Congresso Universal de Raças, realizado em 1911 na cidade de Londres, evento no qual houve participação de antropólogos, sociólogos e ativistas sociais de diferentes localidades no mundo, entre eles os médicos e antropólogos João Baptista de Lacerda (1846-1915) e Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), representando o Brasil. O primeiro participou, por exemplo, de discussão sobre "consciência moderna em relação à

questão racial”. No espetáculo são enfatizados os interesses internacionais em processos de branqueamento da população mundial. Além dessa cena reveladora e divertida, as narrativas presente no espetáculo tratam da ancestralidade negada, mostrada poeticamente, sem perder a contundência das separações familiares que ocorreram durante as escravizações. Para tanto, Jonathan Silva apresenta-se com alguns adereços, como bonecos estilizados feitos com amarração de tecidos, demarcando o espaço com um recorte de tecido, assim como é composta a cenografia com retalhos de tecidos, dialogando com a dramaturgia também composta por partes costuradas pela temática. Os figurinos também são feitos com tecidos jeans, sobreposições, recortes, camadas e a presença forte do vermelho, representando violência, sangue e resistência. Jonathan tem um olhar penetrante e dilacerante para o público, e revela saber com muita propriedade as vivências que relata. Em uma das extremidades do palco, o trio iluminado canta e batuca no local que pode ser lido de inúmeros modos, entre eles como se fora a proa do navio no qual se passa uma das histórias de migração para efetivar a escravização, com o fito de "escravizar os que se submetem e exterminar os que resistem”. Já a cena que destaca Marlon Souza mostra a perpetuação cultural da subalternização de negros e negras, assim como da incidência de preconceitos sobre seus corpos e existências. A partir de travalínguas como “O peito do Pé de Pedro é Preto”, desenvolvem-se constatações duras e cortantes direcionadas ao público, que "treme nas bases” ao empatizar com o choro deflagrado em cena pelos belos e presentes inteiramente em cena, desejando apenas “ser felizes na favela onde nasceram”.

Cantos iorubás, funk, demarcação de território simbólico, geográfico, histórico, social, cultural, econômico e político, formando uma encruzilhada, constituem uma obra manifesto contra-hegemônica e, assim como sinalizado pelo teatrólogo Alexandre Mate, absolutamente épica.

"Estamos chegando do chão da oficina,
estamos chegando do som e das formas,
da arte negada que somos,
viemos criar.”

O público presente no bate-papo que trazia consignas referentes ao que se vê, ao que se sente e ao que se entende em contato com a peça, trouxe palavras, frases, apontamentos e reconhecimentos sobre as camadas do espetáculo, dentre as quais as falas de Milena, Michelle e da professora que por um lapso não anotei o nome foram bastante significativas, tratando de referências de como *Candelária* reverberou. Elas trataram das invisibilidades religiosas, pedagógicas, escolares, e das reproduções sociais que perpetuam o racismo

estrutural. Tais posicionamentos nos preencheram de convicção sobre as possibilidades de transformação social, e da afirmação das palavras da autora Karla, segundo a qual “estar ao lado dos mortos é uma política de memória”.